

**ARTHUR DE VARGAS FERON**

**PERCEPÇÕES DO SENTIDO DE SAÚDE NOS CONBRACE  
DE 2001 E 2003**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do curso de Licenciatura em  
Educação Física, do Departamento de  
Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA  
2005**

**ARTHUR DE VARGAS FERON**

**PERCEPÇÕES DO SENTIDO DE SAÚDE NOS CONBRACE  
DE 2001 E 2003**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do curso de Licenciatura em  
Educação Física, do Departamento de  
Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.

**PROFESSOR ORIENTADOR: MARCELO MORAES E SILVA**

## AGRADECIMENTOS

Certamente que poderia agradecer a muitas pessoas neste momento. Pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, uns de maneira mais direta e concreta, outras menos, mas que, da mesma forma, indiscutivelmente, também contribuíram para minha formação.

Mas, para não me estender demais, vou usar desta folha para agradecer àqueles que, sem sua ajuda, não poderia ter concretizado mais este estágio em minha formação. Agradeço então,

À Deus, em quem busquei e busco tranquilidade e paz, companheiro onipresente de todas as horas mas que se fez presente de maneira mais perceptível durante as madrugadas em que fiquei trabalhando sozinho.

À vocês, Narciso Feron Filho e Vera Regina de Vargas Feron, PAI e MÃE, pessoas em que busco inspiração e zelo nos momentos difíceis e de dúvida, sem mesmo deixar transparecer, sou eternamente grato por todos os sacrifícios que fizeram juntos em prol do meu futuro. Amo vocês!

À quem inicialmente me dirigia chamando por professor e que hoje considero um grande amigo, meu prezado e sempre atencioso orientador Marcelo Moraes e Silva, pelo empenho, dedicação e principalmente pelo exemplo de determinação que o é enquanto ser humano. Serei sempre grato por suas palavras de orientação que em muito contribuíram para que este trabalho fosse feito.

À Talia, quem me acompanhou bem de perto nesta ‘empreitada’, sempre incentivando, ouvindo, acreditando e compreendendo...

Aos amigos (as) e companheiros (as) de faculdade. De maneira muito especial, gostaria de lembrar meus amigos (as) Ana Paula (com quem ‘dividi’ as atenções do orientador e sempre troquei boas idéias), Bruno (carinhoso com todos e um exemplo de dedicação e empenho) e Sidmar (sempre atencioso e pronto a ajudar, um exemplo a ser seguido).

E também, a todas as pessoas que quando me encontravam perguntavam como ‘andava’ meus estudos e até mesmo, por algumas vezes, lembraram-se de mim quando de encontro com algum material que possivelmente poderia me ser útil. A todos vocês, meu muito obrigado.

Se amar fosse fácil, não haveria tanta gente amando mal, nem tanta gente mal amada. Se amar fosse fácil, não haveria tanta fome, nem guerras, nem gente sem sobrenome. Se amar fosse fácil, não haveria crianças nas ruas sozinhas, nem haveria orfanatos, porque as famílias serenas adotariam mais filhos. Não haveriam filhos mal concebidos, nem esposas mal amadas, nem mixes, nem prostitutas. E jamais alguém negaria o que jurou num altar. Não haveria divórcio e nem desquite, jamais. . . Se amar fosse tão fácil, não haveria assaltantes e as mulheres gestantes não tirariam seu feto, nem haveria assassinos, nem preços exorbitantes, nem os que ganham demais, nem os que ganham de menos. Se amar fosse tão fácil, nem soldados haveria, pois ninguém agrediria.

Mas o amor é um sentimento que depende de um “*eu quero*”, seguido de um “*eu espero*”. A vontade é rebelde e o homem, um egoísta que maximiza o seu “eu” e, por isso, amar é tão difícil. Jesus Cristo não brincava quando nos mandou amar. E, quando morreu amando, deu-nos a suprema lição: ***NÃO SE AMA PORQUE É FÁCIL, AMA-SE PORQUE É PRECISO!***

(Arthur de Vargas Feron e Rafael Henrique Gusso Rosado)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>3</b>
2.1 REFLEXÕES SOBRE QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE .....	3
2.2 OS EVENTOS HISTÓRICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA SAÚDE .....	6
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>4. A PRODUÇÃO ACADÊMICA: ROCOCÓ OU DISCURSO CIENTÍFICO?.....</b>	<b>15</b>
4.1 A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO: OS CAMINHOS TRAÇADOS E SUA REPERCUSSÃO .....	16
4.2 O EMBATE DOS DISCURSOS: NASCIMENTO E CONFLITOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
<b>5. A PRODUÇÃO ACADÊMICA: ALGUNS APONTAMENTOS.....</b>	<b>29</b>
5.1 ANÁLISE DOS TRABALHOS .....	30
5.2 UM PESQUISADOR, SUA REPUTAÇÃO E ALGUNS...FATOS? .....	34
<b>6. TECENDO MINHAS “VERDADES” .....</b>	<b>38</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – QUANTIDADE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO GTT1 DO CONBRACE 2001.....	31
---	----

TABELA 1.1 – QUANTIDADE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO GTT1 DO CONBRACE 2003.....	33
---	----

## RESUMO

É de bom tom, na atualidade, defender a saúde. Tal posicionamento é notado nas inúmeras discussões existentes acerca desta temática. São muitos os discursos aos quais a saúde está ligada, já que não se pode mais reduzir as problematizações deste objeto a mera ausência de doenças, o que, por muito tempo, atribuiu à saúde um caráter profícuo e de objetividade. No presente estudo, pretendeu-se inicialmente fazer um levantamento sobre alguns eventos, *grosso modo*, pautados sobre os estudos foucaultianos acerca do surgimento da medicina social e do nascimento dos hospitais (séc. XVI ao XIX), os quais acertadamente marcaram os rumos atuais da saúde. Em um segundo momento, sendo a proposta deste estudo analisar qual o discurso dominante na produção acadêmica referente aos trabalhos apresentados no formato oral e de pôster do GTT1 (Atividade Física e Saúde) dos CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) de 2001 e 2003, deparei-me com a necessidade incipiente de compreender os rumos traçados pela Educação Física enquanto área de produção científica. Portanto, antes mesmo à análise das produções acadêmicas pretendidas, faço uma analogia com um conto de Machado de Assis sobre o qual sustento a dinâmica das disputas de poder e produções de “verdade” que se apresentam como aponta Foucault (1986), também nos discursos dos intelectuais, transcritos na forma de produção acadêmica. Sobre a análise da produção acadêmica, embora alguns trabalhos apresentem preocupações com a possibilidade de utilização de outros ‘modos de olhar’ a saúde, o discurso biológico é predominante, o que, num lugar de produção de saber desqualifica outros modelos de “verdade”.

Palavras-chave: *saúde; produção acadêmica; discurso; “verdade”; poder.*

## 1. INTRODUÇÃO

Não sei dizer se é descontentamento que sinto ou se me alegra inesperadamente descobrir aos poucos que minhas inquietudes, pensamentos e questionamentos se apresentam quase que traduzidos literalmente por tantos outros professores e mestres da vida e da Educação Física. Digo isso, pois, em meu universo mais que limitado de conhecimento enquanto ainda acadêmico, acreditava que minhas preocupações eram únicas e que minhas idéias eram pioneiras.

Assim, enquanto acadêmico do curso de Educação Física, conforme ia folheando as páginas deste universo filosófico, social, biológico e cultural, crescia-me aos olhos as possibilidades de conhecimento que esta área de estudo permite. Também percebi que, diante de tanta discussão e debates acerca de termos como corporeidade, motricidade, cultura corporal do movimento, entre outros tantos, ‘filhos’ da busca pela especificação de um objeto único para o estudo da Educação Física, algo me incomodava.

A dúvida na escolha pela profissão, a qual pensei muitas vezes que ficaria para trás no decorrer do curso, não aconteceu. Minha vontade sempre foi a de ver uma sociedade mais justa. Assim sendo, demorei a entender e enxergar as ‘armas’ que a Educação Física poderia me dar para que continuasse a sonhar com minhas utopias. Hoje, percebo de modo mais claro como a Educação Física pode intermediar tais utopias.

Mas o que me incomoda não é minha não realização pessoal-profissional com o curso que escolhi, pois, este universo da Educação Física e todas as suas formas de expressão me mostraram que a educação pelo corpo pode promover muitos benefícios, embora, em tantos momentos da história, o corpo tenha sido utilizado como objeto para dominação e exemplo para conservação da ordem. Mas, o que me incomoda de maneira especial é a forma como a passagem deste conhecimento acadêmico se dá em relação aos profissionais de Educação Física<sup>1</sup> e as pessoas que procuram vossa orientação.

Para ser mais claro, minhas preocupações vão de encontro com uma temática específica dentre as inúmeras possibilidades as quais a Educação Física daria conta de atender. Refiro-me à saúde. Esta me chamou a atenção de modo muito peculiar e tem se tornado, a cada dia, mais

---

<sup>1</sup> Yara Maria de Carvalho em seu livro intitulado ‘ O “mito” da atividade física e saúde’ (1998), faz a seguinte consideração acerca da atitude de alguns profissionais de Educação Física; ‘De maneira geral, as pessoas podem acreditar no que está sendo dito a respeito da atividade física e da saúde, sem considerar que nem mesmo os profissionais de Educação Física têm explicações e conhecimentos que justifiquem a pertinência desta afirmativa’. (CARVALHO, 1998, p. 20).



interessante de ser estudada, embora, ao longo do estudo feito neste trabalho, a saúde tenha ganhado contornos de um plano – diria eu – quase que secundário. Isso porque ao estudar os rumos traçados academicamente pela Educação Física em um espaço de tempo determinado, me deparei com outras questões por demais também interessantes.

Desta forma, o presente trabalho se deteu a analisar as percepções sobre o sentido de saúde que estão incorporados à produção acadêmica, vinculados especificamente neste estudo ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)<sup>2</sup>, tendo como expressão maior de sua referência enquanto entidade formadora, os trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte (CONBRACE), concomitantes aos últimos dois anos de sua edição, 2001 e 2003, ambos realizados em Caxambu, Minas Gerais.

No entanto, é de minha ciência que analisar a produção acadêmica e refletir sobre suas percepções acerca de seu entendimento de saúde, significa refletir sobre a conjuntura atual da mesma, da influência da atividade física sobre este contexto e da relação existente entre a produção do conhecimento e a legitimação e aplicação deste saber por parte dos profissionais de Educação Física.

---

<sup>2</sup> ‘Nascido de uma forte motivação por um espaço que possibilitasse luz própria ao anseio de se pensar e discutir as Ciências do Esporte, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) arriscou, a partir da década de 1980, trilhar por caminhos possíveis no horizonte de uma sociedade que se libertava do jugo de governos militares. A sintonia com a redemocratização do país traduziu, em seu interior, a busca de um fazer científico comprometido socialmente, permitindo-lhe dessa forma firmar-se como instância organizativa da comunidade da área acadêmica, convencionalmente denominada Educação Física, e um de seus mais legítimos interlocutores junto às demais áreas e instâncias institucionais’. Trecho extraído da página oficial na internet do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte. <http://www.cbce.br> Acesso em: 14/06/2005.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 REFLEXÕES SOBRE QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE

As expressões qualidade de vida e saúde são hoje empregadas, muitas vezes, de forma alheatória, desviada. Não apenas no que diz respeito a seus respectivos significados, mas principalmente a sua aplicação para designar e definir condições de bem estar levando-se em conta determinantes sociais, econômicos, políticos e ambientais. Segundo Oliveira (2003), a discussão e a empregabilidade da expressão qualidade de vida está presente nos mais variados discursos. Nas primeiras linhas de seu texto “Qualidade de vida, corpos aprisionados”, o autor faz referência a sua utilização da seguinte forma:

É de bom tom, na atualidade, defender a qualidade de vida. Repetir em uníssono suas vantagens. Apregoar sua unanimidade. Torná-la imprescindível à política, à economia, à sociedade, à cultura, aos corpos. Introjetar seus adereços. Partilhar de suas fileiras tornou-se condição para fazer parte da sociedade cidadã, emancipada, consciente, crítica, civilizada, tolerante, segura. (OLIVEIRA, 2003, p. 99).

Eis aqui nossa primeira possibilidade para refletirmos. Embora não seja a intenção central deste estudo aprofundar a ‘qualidade de vida’ enquanto uma expressão em voga muito utilizada para atribuir ‘qualidade’ e prestígio a inúmeras instâncias, fazemos, a partir desta inexpressiva reflexão, mas, por demais suficiente para este estudo – segundo penso – um caminho sabidamente falho<sup>3</sup> nos moldes históricos, destacando alguns olhares e teorias que sustentaram a evolução das preocupações com as condições de saúde, convergindo, deste modo, este estudo, a seu objeto intencionado de pesquisa. A própria saúde.

Assim, esta discussão acerca da qualidade de vida remete o presente estudo à discussão e ao levantamento a respeito do conceito de saúde. Caponi (2003) chama a atenção para o fato de que “a saúde pode ser objeto de tematização dos mais diversos saberes”, já que abarca uma gama de vieses. Por estar vinculado o estudo a área da Educação Física, a abordagem dar-se-á com análises referentes à forma com a qual vem sendo empregada a saúde no discurso acadêmico

---

<sup>3</sup> Falhos por conterem apenas fragmentos de alguns fatos históricos, o que não atente o caráter histórico de uma linearidade cronológica, algo essencial a um estudo que se pretende recorrente aos ajustes do tempo para analisar seus acontecimentos e rumos.

desta área, e, não menos importante nesta pesquisa, far-se-á uma análise sobre a utilização do discurso da saúde enquanto provedor de certa utilidade e legitimidade à Educação Física, o que se torna necessário e se justifica em vista de sua herança marcante no discurso da prática da atividade física e de sua essência histórica no desenvolvimento do campo acadêmico.

Por se tratar à saúde de uma caracterização que inicialmente remeteu-se a um condicionante biológico, e, como aponta Czeresnia *apud* Palma et. al. (2003, p.15), “[...]a saúde pública foi formada em articulação com a medicina e essa a partir da efetiva utilização do conhecimento científico, mais especificamente, das ciências positivas”. Assim sendo, a saúde ganhou sobre a influência das ciências positivistas, um caráter profícuo e de objetividade, o que levou a determinar inicialmente a condição de saúde como sendo a da ausência de doenças.

Historicamente, os primeiros relatos acerca das doenças aparecem referenciando a falta do equilíbrio entre as partes que compunham o corpo. A crença Grega era a de que o corpo era composto pelos quatro elementos da natureza: fogo, água, terra e ar. O relato a seguir mostra uma das anotações de Platão acerca deste possível desequilíbrio, o que, segundo ele, caracterizaria a doença:

[...] a maneira pela qual elas (as doenças) se formam pode ser clara a qualquer um. O corpo é composto da mistura de quatro elementos: terra, fogo, água e ar. A abundância ou falta desses elementos, fora do natural; a mudança de lugar, fazendo com que eles saiam de sua posição natural para outra que não lhes seja bem adaptada; ou o fato que um deles é forçado a receber uma quantidade que não é própria para ele, mas conveniente para outra espécie; todos esses fatores e outros similares são as causas que produzem distúrbios e moléstias. (PLATÃO, *apud* BARATA, 1985, p.15).

Devido principalmente a tabus impostos por questões religiosas, de ordem política e mesmo de organização social, é por volta do século XVIII que os estudos médicos voltam-se para a compreensão do funcionamento do corpo humano e das alterações anatômicas sofridas durante a doença. Ao final deste século, sobre a forte influência do movimento de industrialização que crescia de forma célere, o processo de urbanização avançou, se consolidando e ‘fomentando’ as estruturas do novo modelo de produção capitalista, que exigia trabalhadores aptos para realização das atividades laborais determinadas por este modelo.

Essas condições levaram, pela primeira vez, em parceria com o desenvolvimento teórico das ciências sociais, a elaboração de uma teoria social da medicina. A respeito disto, pretende-se deixar claro que a industrialização e a formação de trabalhadores aptos para a produção não

foram as únicas formas que levaram ao nascimento da medicina social. Segundo Foucault (1986), existiram três etapas para a formação da medicina social: A Medicina de Estado, iniciada na Alemanha; a medicina urbana (França) e a medicina da força de trabalho (Inglaterra)<sup>4</sup>. Assim, as condições de trabalho e vida do homem passam a ser o foco da atenção para o estudo do surgimento das doenças desconsiderando a condição natural favorável ou desfavorável à contração das mesmas. Virchow, percussor e idealizador desta teoria, com relação às epidemias afirmava:

As epidemias não apontarão sempre para as deficiências da sociedade? Pode-se apontar como causas as condições atmosféricas, as mudanças cósmicas gerais e coisas parecidas, mas, em si e por si, estes problemas nunca causam epidemias. Só podem produzi-las onde, devido às condições sociais de pobreza, o povo viveu durante muito tempo em uma situação anormal. (VIRCHOW, *apud* BARATA, 1985, p.19).

Segundo Barata (1985), esta teoria ganhou força principalmente devido às influências liberais-Iluministas da Revolução Francesa. Mas, em meados do século XIX, frente às descobertas bacteriológicas, as concepções sociais foram de vez deslocadas dando espaço a teoria da multicausalidade, estruturada sobre um condicionante a-histórico e biologizante.

Das formulações acerca do conceito de multicausalidade, o modelo da balança foi o primeiro desenvolvido. Formulado por Gordon (*apud* Barata, 1985, p.21), este modelo emprega a analogia de uma balança em que o fulcro é representado pelos fatores do meio-ambiente e em cada prato estão colocados os fatores do agente e do hospedeiro. Outros modelos semelhantes surgiram posteriormente, negando também a importância do estudo e alteração de todo o conjunto de fatores envolvidos, assumindo um caráter essencialmente positivista de estudo de causa e efeito acerca das doenças, dando força, assim, a lógica capitalista da necessidade de diferença de classes para manter a produtividade e permitindo uma atuação limitada com relação aos problemas de saúde.

Contudo, no final da década de 60, um modelo de determinação social das doenças é proposto por Asa Cristina Laurell. Este modelo fundamenta-se com conhecimentos epidemiológicos e ao estabelecer comparações entre fatores sociais, econômicos e ambientais,

---

<sup>4</sup> A explicação e contextualização destes fragmentos que compuseram a teoria da medicina social serão apresentados no próximo capítulo, na busca por uma maior clareza e entendimento sobre a evolução histórica das relações da saúde para com a sociedade.

expõe os pontos determinantes no processo saúde/doença. Este modelo assemelha-se ao proposto por Virchow, ganhando maior credibilidade por possuir respaldo científico e estudos comprovados. (BARATA, 1985, p.24)<sup>5</sup>.

## 2.2 ALGUNS EVENTOS HISTÓRICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA SAÚDE

A Europa do século XVIII viveu um período muito significativo e de grandes influências no modo de pensar social, econômico e político. De um modo geral, este período posterior ao fim da Idade Média, ficou marcado historicamente na Europa pela Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, e pela Revolução Francesa, também conhecida como movimento Iluminista. Levando-se em conta uma ordem cronológica de fatos que marcaram significativamente a história da Europa a partir do século XVI até meados do século XIX, é possível compreender, *grosso modo*, a evolução dos passos da medicina e da preocupação dos Estados com as políticas de saúde.

É sabido que a existência de diferença de classes data de muito tempo e que a mesma, muitas vezes, foi agente gerador de conflitos e grandes guerras. Torna-se importante o levantamento desta questão, já que, sobre o contexto urbano pelo qual a Europa estava passando, a organização dos grupos de diferentes camadas sociais que compunham a sociedade influenciaram profundamente o modo pelo qual se deu o desenvolvimento da medicina e consequentemente da estrutura dos campos da saúde. Segundo Foucault (1986), as cidades durante este período passam a ter um importante valor para as negociações de mercado, não somente sobre o contexto local ou regional, mas até mesmo internacional, dando seguimento à política mercantilista instituída ao final do século XVI e começo do século XVII. Neste período, a preocupação maior do Estado era a de:

[...] majorar a produção da população, a quantidade de população ativa, a produção de cada indivíduo ativo e, a partir daí, estabelecer fluxos comerciais que possibilitem a entrada no Estado da maior quantidade possível de moeda [...] (FOUCAULT, 1986, p.82).

---

<sup>5</sup> Quer-se deixar claro que estes discursos citados não são os únicos existentes. Inúmeras outras formas de representações sobre saúde e qualidade de vida existiram e existem na sociedade. O objetivo desta pequena retrospectiva histórica foi mostrar algumas das inúmeras formas de discursos materializados no plano cultural, e que, certamente, estão presentes nas representações do discurso científico.

É compreensível, portanto, que na França e Inglaterra, por exemplo, tenham surgido preocupações para com o levantamento de estatísticas acerca do nascimento e mortalidade da população ou mesmo para com o levantamento acerca da porcentagem de pessoas que respondiam pela margem produtora, pela população ativa. Não é à toa também que nasce sobre esta ótica, uma preocupação em aumentar a população, visando o aumento de mão-de-obra. Neste período, as maiores contribuições do Estado para a melhoria da saúde pública, foram seus levantamentos estatísticos, não podendo ainda a população contar com uma intervenção do Estado nas estruturas responsáveis por atender diretamente a população.

Como já citado anteriormente, o nascimento de uma medicina social não é fruto apenas da preocupação com a saúde específica da população marginalizada da Revolução Industrial, responsável pela força de trabalho, mas, também, por outros fatores, a saber: Na Alemanha, diferentemente das práticas médicas do restante dos países ligados ao Mercantilismo, se desenvolveu uma prática médica centrada na melhoria do nível de saúde da população (FOUCAULT, 1986). Dentre os fatores que validam esta suposição encontram-se os controles, não apenas da mortalidade e natalidade, mas também o controle da morbidade da população, reflexo dos diferentes fenômenos epidêmicos ou endêmicos. Surge também a preocupação com a formação e o caráter dos que exercem a medicina, ficando restrito aos já médicos a provisão de diplomas e, aos mesmos, devido a um controle mais rígido das atividades médicas, um poder administrativo superior.

A todas estas particularidades da medicina praticada na Alemanha, podemos chamar medicina de Estado, que teve toda sua organização planejada em meados do século XVIII. Na França, o nascimento de uma medicina social, deu-se a partir do processo de urbanização, traçando um caminho diferente ao estatal vivido na Alemanha. Este processo nasce da necessidade de se organizar, de forma homogênea, o corpo urbano, que ora era lugar apenas de transações mercantis, e que, ao final do século XVIII e início do século XIX, passa a ser também local de produção.

Tendo então a cidade deixado de ser apenas local de transações mercantis, nasce um impasse: a convivência entre uma população operária e outra não operária, rica e pobre, plebe e burguesia. Estes operários que mais tarde tornar-se-ão o proletariado tem de ser organizados de

forma homogênea.<sup>6</sup> Dentro do contexto em que se percebem, estes trabalhadores, executores braçais do nascimento do capitalismo, são os mesmos que ajudaram em tempo futuro a aumentar as tensões políticas no interior das cidades. Neste sentido é que Foucault chama a atenção para a necessidade de organização do corpo urbano e do surgimento de um poder político capaz de reger e esquadrihar a população.

A falta de uma organização na estrutura das cidades<sup>7</sup> também se reflete nas práticas da saúde. Dois momentos marcaram em especial estas práticas. Uma delas diz respeito à peste e outra a lepra. Desde a Idade Média a prática da quarentena fora utilizada como forma de purificar a sociedade. Se durante a Idade Média, principalmente regida pelos dogmas da Igreja Católica, a quarentena era aplicada de modo a exilar o doente, purificando assim o espaço urbano, na Idade Moderna, a preocupação passa a ser a de tratar o foco da doença. Essa medicina ganha o nome de Medicina urbana, já que, mesmo mantendo um estado de vigilância, não exclui o indivíduo de sua cidade. Este nome também lhe é atribuído pela preocupação com a organização dos espaços físicos das cidades, como por exemplo, o planejamento urbano, de modo a permitir boa circulação do ar entre as casas e um melhor planejamento das vias de transporte de água.

Por fim, depois de passar pela instância do estado e da cidade, a medicina social voltou-se para os pobres e trabalhadores. O exemplo do surgimento da medicina social na Inglaterra nos mostra que a preocupação com o processo de medicalização da população recebeu a devida atenção a partir do momento em que a sua não medicalização acarretaria sérios problemas. A quantidade exacerbada de pobres nas ruas e a massa populacional do proletariado que crescia, cada vez mais representavam constante preocupação, já que, de maneira organizada, apresentavam constante ameaça enquanto força política capaz de gerar grandes revoltas. As doenças também se tornam constante entre os pobres e a massa trabalhadora. Um exemplo disto é a epidemia de cólera iniciada em 1832 na França que se alastrou por toda a Europa. Este medo influenciou o planejamento físico das cidades, não mais no que diz respeito apenas às estruturas

---

<sup>6</sup> Foucault trata desta questão com o que denominou “critérios de normalização”, forma com a qual é possível disciplinar e vigiar os sujeitos.

<sup>7</sup> O crescimento desenfreado das cidades que se dividem entre o aumento caótico da população que se amontoa em edificações improvisadas e o crescimento de fábricas e oficinas. As diferenças sociais que se acentuam e evidenciam-se aos olhos que não deixam mais de notar o número grande de pessoas que dividem abrigos improvisados e as ruas das cidades. As doenças epidêmicas e endêmicas que assombram a tranquilidade da população. Os cemitérios, ora mal planejados, que começam a ‘invadir’ as cidades. A falta de planejamento para a rede de esgoto. Todos estes, são fatores que geram insegurança a população. A isso, Foucault denominou ‘Medo Urbano’.

necessárias à vida comum nas cidades<sup>8</sup>, mas também a separação distinta entre o lugar para habitação de pessoas ricas e, distante a estes, o lugar de habitação para os trabalhadores das fábricas e mais pobres. Assim, indiretamente, nasce junto a estas políticas de controle da população mais pobre, a medicina social inglesa.

Por ter se tornado possível prestar melhor assistência à saúde destes trabalhadores a partir do nascimento desta medicina social na Inglaterra, também foi possível afastar alguns perigos que acometiam a sociedade rica. Estas novas medidas de política de saúde, oriundas do século XVIII, foram submetidas a todos. A necessidade de uma melhora da disposição dos meios de bem-estar-físico, saúde perfeita e longevidade de todas as faixas etárias da população, influenciaram a forma de tratamento oferecido pelo estado e, também, de forma direta, mudanças enraizadas no âmbito familiar.

A família, enquanto instância geradora de descendentes, agrega a suas funções, a partir deste momento, a responsabilidade de “fabricar, nas melhores condições possíveis, um ser humano elevado ao estado de maturidade” (FOUCAULT, 1986). Se ora a família fora de fundamental importância apenas como berço gerador de futuros descendentes, agora, torna-se fundamental também para o controle da saúde (princípio da família medicalizada e medicalizante). Por fim, embora estas medidas de políticas de saúde nascidas na Inglaterra tenham sido as últimas formas de organização da medicina social a ser concebida, foi esta a que garantiu maior eficiência no controle e cuidado da população e garantiu a ascensão do industrialismo.

O nascimento da medicina social, portanto, é resultado de um processo em que a preocupação com a prestação de serviços à saúde da população passa por uma transição. Se antes as políticas de saúde e as instituições físicas responsáveis por prestar tais serviços, como os hospitais, exerciam sua função de modo que, curar ou tratar os pacientes não era a maior preocupação<sup>9</sup>, a partir do final do século XVIII, houve uma reformulação no modo de tratar o paciente, principalmente nos locais próprios para tal. Isso se torna justificável e passível de

---

<sup>8</sup> Principalmente aquedutos de transporte de água e a sua distribuição sem comprometimento por contaminação da água dos esgotos.

<sup>9</sup> Segundo Foucault (1979), antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Se hoje compreendemos o hospital como local de tratamento intensivo seguro para as doenças, antes, o mesmo estava indubitavelmente associado a um lugar de controle e inspeção. A medicina não era efetivada em hospitais. A grande maioria das medidas de saúde realizadas dentro destas instituições era feita por leigos e religiosos, dispostos a endossar sua salvação no “Reino dos Céus”. Assim, o hospital deveria estar preparado tanto para receber e acolher seus doentes, quanto para proteger a população sadia.



compreensão se entendemos que o processo evolutivo atingiu a organização econômico-político-social de toda a sociedade. A transição de uma política econômica mercantilista para outra industrialista, mostrou que as cidades passaram a necessitar de uma maior organização e principalmente contar com uma melhor prestação de serviços para sua população. A evolução da fábrica e dos novos mecanismos de produção, ao passo que facilitavam e prosperavam a mesma, não são geridas como presentes, já que, a evolução das mesmas subentende uma melhor preparação da mão-de-obra para operar diante de novas tecnologias e atender a demanda da produção. Outro ponto importante a destacar e que certamente influenciou o avanço de novas tecnologias e, porque não dizer da ciência como um todo, foi o nascimento das ciências positivas<sup>10</sup>, provenientes do pensamento de Augusto Comte.<sup>11</sup>

Um dos pontos do pensamento das ciências positivas que merece destaque e que certamente influenciou a idéia e acepção sobre a evolução da sociedade está configurada no campo biológico: a teoria darwinista<sup>12</sup> sobre a evolução. “Esta teoria forneceu valiosos argumentos de caráter biológico para afirmar a liberdade de mercado e a não intervenção do Estado na vida econômica”.<sup>13</sup> (SOARES, 2002, p.81).

Conseqüentemente, entender o papel do Estado e sua política de tratamento da população significa compreender que a utilidade da medicina e a aplicação de seus conhecimentos estiveram voltados, na sua grande maioria, para a concepção e preservação da higiene. Para tanto, algumas técnicas tendenciosas voltaram-se para o estudo do corpo, dedicando seus estudos a promoção de disciplina e adestramento dos mesmos. Por não ser a medicina a única a se preocupar com a natureza do corpo e com os campos de atuação do mesmo, é que se torna possível afirmar que outras instituições demonstraram atenção e dedicação a ele, conforme

---

<sup>10</sup> O pensamento positivista pode ser organizado a partir de três preocupações fundamentais. Uma filosofia da história (na qual encontramos as bases de sua filosofia positiva e sua célebre ‘lei dos três estados’ que marcariam as fases da evolução do pensar humano: teológico, metafísico e positivo); uma fundamentação e classificação das ciências (Matemática, Astronomia, Física, Química Fisiologia e Sociologia); e a elaboração de uma disciplina para estudar os fatores sociais, a Sociologia que, num primeiro momento, ele denominou física social.

<sup>11</sup> Comte nasceu em Montpellier, França, a 19 de janeiro de 1798, e morreu a 5 de setembro de 1857.

<sup>12</sup> Com esta teoria, foi possível “comprovar” cientificamente e justificar biológico e historicamente acontecimentos pertinentes à evolução do homem.

<sup>13</sup> Sobre esta citação, em seu livro “Imagens da Educação no Corpo”, Soares 2002, chama atenção para a influência desta teoria sobre a distinção de classes. A evolução como tal, procedente da Natureza, justifica inclusive os eventos de mudanças sociais, guerras e outros acontecimentos em que, muitas vezes, pela lei do mais forte, e a partir daquele momento com o nascimento desta teoria, fundamentaram e solidificaram o pensamento de que era o ‘melhor’ para o progresso e aperfeiçoamento da sociedade.

suas preocupações e/ou interesses. As relevâncias destes méritos atribuídos ao corpo são anteriores ao século XVIII e podem ser percebidos também nos dias de hoje. Acerca disso, Carvalho (1995) faz a seguinte observação:

De fato, o corpo está hoje na ordem do dia. Os mais variados profissionais (da Educação Física, da Medicina), assim como as mais variadas instituições (Exército, Igreja, escola, hospital), estão atentos a ele. (CARVALHO, 1995, p. 35).

Embora a citação acima esteja pautada sobre um contexto atual, é certo que, por se tratar de um reflexo do processo histórico da construção do entendimento acerca do corpo e de seu papel na sociedade, também é possível remeter tal afirmativa ao final do século XVIII e início do século XIX, estando consciente de que a instauração desta preocupação com o corpo é muito antiga. Segundo Aranha (1993), desde a antiguidade, por exemplo, os gregos se preocupavam com seus corpos, estimulando os exercícios físicos, a ginástica e os esportes. Durante a fase do Renascimento e na Idade Moderna, sobre a influência dos dogmas da Igreja Católica, o corpo era considerado inferior, mas nem por isso deixava de ser criação divina. A partir do século XVII, a concepção de corpo sofre nova modificação, devido em parte, principalmente a influência da revolução científica. O corpo então passa a ser analisado físico e biologicamente, sendo visto como um objeto da ciência.

A partir desta breve contextualização, torna-se pertinente a continuidade destas reflexões, porém, a partir deste ponto, direcionando o olhar sobre a produção acadêmica da área da Educação Física que se refere à saúde, buscando atender a proposta de análise a que este estudo propôs-se a fazer. Assim, justificando o porque desta contextualização, vemos a relevância da construção histórica do campo da saúde e, por conseguinte, a construção da história da medicina moderna, ambas, influenciando os rumos traçados científico e academicamente pela Educação Física. Carvalho (1995), acerca disso, levanta as seguintes questões: “Qual foi o elo entre as histórias da Educação Física e da Medicina que determinaram uma ‘particular’ aproximação entre elas? O que nas histórias destas disciplinas possibilitou a construção da relação entre atividade física e saúde?”.

Estas questões possivelmente não serão respondidas neste trabalho, porém, tomado da ciência e da pertinência das mesmas, farei um caminho reflexivo e de análise acerca destas relações entre atividade física e saúde, mas, principalmente, tratando da análise dos discursos

presentes na produção acadêmica que se propõe a estudar esta temática, buscando melhor compreender suas relações quando de suas manifestações enquanto “saber” produzido e enquanto discurso necessário para se lhe atribuir legitimidade. Para tanto, traçar os rumos da produção acadêmica da área, *grosso modo*, torna-se algo extremamente importante.

### 3. METODOLOGIA

Por ser a saúde motivo de antiga preocupação e, mais atualmente a discussão da qualidade de vida tendo-se enquadrado nesta perspectiva, o presente estudo tem por objetivo analisar e discutir as nuances que os sentidos de saúde têm abrangido no campo da Educação Física e como este discurso legitima-se ao longo da construção do debate acadêmico da área e se reflete atualmente, no recorte temporal proposto para análise.

Assim, o trabalho apresentará adiante um levantamento acerca das produções acadêmicas ligadas à temática da saúde e atividade física, produzidas e vinculadas ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), contemplando as produções científicas publicadas na forma de trabalhos oral e pôster dos dois últimos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACE), no GTT1 realizados nos anos de 2001 e 2003 na cidade de Caxambu, estado de Minas Gerais.

Após esse levantamento sobre o discurso a respeito da saúde na produção acadêmica da área de Educação Física, que será feito através de análises dos trabalhos dirigidos a esta temática, por meio de um enquadramento de perspectiva à que os trabalhos analisados serão submetidos, será feito à discussão dos dados levantados com a literatura utilizada. Para alcançar este intento, a pesquisa empírica se mostrou propícia na busca por tentar detectar quais são as representações e discursos presentes na produção científica da área que se propõe a estudar a saúde e a atividade física.

O principal referencial que se pretende utilizar para verificar estes discursos é o legado deixado pelo filósofo Michel Foucault. Entende-se que discurso no pensamento foucaultiano é um acontecimento na esfera do saber, típico do pensamento de uma época, sem ser ideologia nem preposição científica. (FOUCAULT, 2004).

É interessante salientar, conforme aponta Foucault (2004), no livro “A ordem do discurso”, que estes proliferam indefinidamente na sociedade, onde ele é controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos que tem como intuito conjurar inúmeras formas de poderes e perigos. Segundo Foucault, esta dispersão do discurso ocorre de forma infinita na sociedade. Desta maneira as pessoas se apossam deste saber (discurso) e utilizam este conhecimento, estas “verdades”, em variadas relações de poder. O mesmo deve

acontecer com as produções acadêmicas, já que estas possuem parte direta nestas produções de “verdade”.

#### **4. A PRODUÇÃO ACADÊMICA: ROCOCÓ OU DISCURSO CIENTÍFICO?**

Pareceria ousadia demais, ainda que não fosse verdade, dirigir as palavras que se seguirão a falar de uma análise acerca de parte da produção científica do campo da Educação física, referindo tais produções ao excesso de curvas e enfeites, típicos de um linguajar que não se aplica à prática, produto de discursos que, como aponta Foucault (2004), representam não somente um instrumento de exclusão, mas principalmente um instrumento de interdição – penso eu que ao variar o ponto de vista e o consentimento acerca do tema aqui discutido (saúde), o mesmo torna-se irrelevante.

O debate acerca da produção do conhecimento na área da Educação Física é amplo, embora ainda recente. Como mencionado anteriormente, o corpo é objeto de tematização dos mais diversos saberes e, ainda nos dias de hoje, é possível comprovar esta afirmativa. Aos olhares desatentos ou obscurecidos pelos inúmeros discursos que proliferam livremente pela sociedade, ao que parece, ainda mesmo que em menor quantidade, os significados do corpo atem-se a mero objeto necessitado de atenção/manutenção e, quando mais debilitado, de medicalização. Ao corpo é possível aludir valores como corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-pecado, corpo-prótese, enfim, terminologias estas, as quais nascem conforme a melhor adequação aos valores vigentes à época, sem perder ligação com os modelos anteriores (NÓBREGA, 2001). Aqueles que tem o corpo enquanto objeto de estudo, trabalho, doutrinação ou educação, também tem o costume de ignorar sua presença mais que física. A estes eventos, podemos apontar a história como tendo fundamental papel perante o entendimento e trato com o corpo atual, seja por pessoas físicas ou por instituições que se apropriaram deste como objeto de estudo.

A Educação Física possui, neste cenário, um importante papel sobre esta perspectiva. Embora não seja o objetivo deste trabalho discutir a respeito da especificidade de estudo desta área, mas, retomando os objetivos de análise deste estudo, seria no mínimo imprudente não apoiar a discussão sobre a construção do discurso da saúde ao conhecimento produzido no campo nacional da Educação Física. Assim, seguimos este estudo fazendo uma breve análise histórica<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Para dar continuidade ao trabalho e adentrar nesta esfera histórica de discussão, é importante lembrar o leitor de que não é objetivo deste trabalho realizar uma pesquisa histórica e que, para isso, tem-se claro por parte do autor, a ciência desta condição.

acerca da produção acadêmica da área a partir da década de 70 no Brasil e dos conflitos que permearam e ainda permeiam a construção do campo científico da Educação Física.

#### 4.1 A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO: OS CAMINHOS TRAÇADOS E SUA REPERCUSSÃO

Daolio (1997) aponta o final da década de 70 como sendo o início da proliferação significativa de trabalhos acadêmicos da Educação Física. Há neste fato, segundo o autor, duas considerações importantes a serem feitas. A primeira diz respeito ao final do período militar, responsável por instaurar uma ordem que exercia grande influência na elaboração dos currículos escolares do período. O segundo diz respeito à quantidade de profissionais do campo da saúde que realizavam especializações fora do Brasil e que contribuíam ao seu retorno, com conhecimentos nas áreas biológicas, como em fisiologia ou em biomecânica.

Antes deste período havia uma certa aceitação de que a Educação Física era uma prática escolar com objetivos de desenvolver a aptidão física dos alunos e de iniciá-los na prática esportiva. O respaldo teórico provinha exclusivamente das ciências biológicas. (DAOLIO, 1997, p.182).

Com o início da redemocratização no país, críticas aos modelos de educação de todas as instâncias começaram a ser feitas. Na Educação Física não foi diferente. Bracht (1996) aponta como ponto de interdição desta reconstrução dos modelos de educação, o contato com o debate pedagógico brasileiro das décadas de 1970 e 1980, e não com as ciências do esporte, o que colaborou com a produção de estudos com base no viés pedagógico. A formação dos professores que passaram a procurar formação acadêmica em outras áreas de conhecimento que não apenas aquelas voltadas aos preceitos biológicos aumentaram. A partir de então, a produção acadêmica tornou-se considerável e novos horizontes foram vislumbrados pela Educação Física. A consequência foi o surgimento de várias formas de pensar a Educação Física, levando ao intenso debate entre os representantes de cada uma delas (DAÓLIO, 1998).

Pensar os representantes de cada uma das “subáreas”<sup>15</sup> que respondiam pela maior parte do conhecimento produzido na área da Educação Física, rememorar os preceitos históricos que nortearam “nosso” rumo e fazer análises das produções desta área ou – na expressão de Valter

---

<sup>15</sup> Expressão utilizada por Valter Bracht (2003).

Bracht – rememorar o conhecimento do conhecimento produzido, são estas atitudes dignas a serem tomadas para compreensão das características das produções científicas atuais produzidas na área.

Neste sentido, muitos são os autores e atores – na expressão de Jocimar Daólio – que em algum momento se interessaram por estudar os rumos da Educação Física (Bracht 1992/1995, Silva 1998, Neto 2005); fossem essas análises em perspectiva ou justificando as condições das linhas de interesse das produções científicas. Assim, neste recorte de uma das produções de Bracht (2003) que segue abaixo, o autor nos chama a atenção para as produções das ditas “subáreas” da Educação Física até fins dos anos 70 no Brasil e os novos horizontes que emergiam em nosso campo com a busca por outras áreas, seguindo uma lógica interdisciplinar:

Esses estudos constataram então que havia um predomínio das “subáreas” da medicina esportiva, da fisiologia e da cineantropometria, enfim, uma forte influência das ciências naturais, mas que, principalmente a partir de 1980, podia-se verificar um crescimento das “subáreas” pedagógicas e sociocultural, essas sob a influência das ciências sociais e humanas. A discussão propriamente epistemológica estava na verdade ausente, mas o crescimento da influência das ciências sociais e humanas vai fazer aflorar esse debate necessário. (BRACHT, 2003, p.62).

Caparroz (*apud* Daólio, 1998, p. 45) ao discorrer sobre o assunto, também menciona a questão de ordem política vivida pelo país até então, mas nos chama a atenção para outro fato marcante que notoriamente contribuiu com este movimento de crítica que surgiu em meados da década seguinte, a década de 80.

Um deles foi o momento histórico-sóciopolítico da sociedade brasileira a partir de final dos anos 70, com o processo de redemocratização. O outro fator foi a necessidade da própria área de se qualificar academicamente a fim de suprir as necessidades colocadas pelo mercado de trabalho nas instituições de ensino superior. (CAPARROZ, *apud* DAÓLIO, p. 45, 1998)

A respeito desta condição de ‘necessidade de qualificação da área’, como aponta Caparroz (*idem*), da Educação Física enquanto área de produção científica, é possível justificar tal afirmativa com maior propriedade ao referendarmos tal preposição ao texto de Marcos Aurélio Taborda de Oliveira no qual, ao escrever sobre a busca pela consolidação da educação física brasileira, levanta a seguinte questão:



Como pode alguém advogar que a sua área de atuação profissional merece ser valorizada se não tiver um discurso que demonstre, ou até prove, que ela é fundamental para a organização social? (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p.35).

A pertinência desta questão levantada pelo autor é indiscutível. Mas quem ou o que seria capaz de atribuir tal valor ao discurso vigente dominante na área? Ainda que a discussão detenha-se sobre pressupostos científicos ou de ordem social, que possua caráter positivista ou pensamentos imbricados nas relações “estado-sociedade”<sup>16</sup> ou discuta o caráter das reais necessidades de se atribuir significados acerca da conceituação de movimento humano, ainda assim, a discussão parece ater-se não apenas a construção ‘saúdável’ do conhecimento, mas a uma disputa de afirmação e competição por uma maior veracidade indubitável de seu próprio discurso.

Aparentemente, esta discussão e embates travados no cenário desta área que se pretende acadêmica, parecem apenas reforçar a lógica dualista<sup>17</sup> de conflitos de interesses em que, cada um, a sua maneira, na medida em que desqualifica o discurso do outro em detrimento de sua própria promoção, fortalece a disputa, perpetuando um impasse no qual, nunca pode forjar definitivamente sua condição de estatuto legítimo da área, por necessitar continuamente do amparo do outro. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005). Retomarei esta questão.

Para construção do campo científico da área, a Educação Física viu-se pressionada no início da década de 1970 a atribuir a seus pensamentos e produções acadêmicas mais que apenas reflexões e ações pedagógicas em seu teorizar e praticar. Como apontado anteriormente neste trabalho, as práticas corporais que ditaram e racionalizaram as intervenções sobre o corpo no século XIX, foram sistematizados por métodos ginásticos. À continuidade deste processo, por ser esta construção histórica, nada mais justo que identificar estes pressupostos nas práticas corporais realizadas até fins do período militar e início do processo de redemocratização no país. Mas a partir deste ponto, suscita, em vista das políticas nacionais de incentivo ao esporte<sup>18</sup>, por

---

<sup>16</sup> Sugiro como leitura sobre este ponto de vista o texto da autora Celi Taffarel, publicado em edição especial da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, intitulado: “Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE – 20 anos: o caráter revolucionário de uma instituição científica. Isto é possível” (1998).

<sup>17</sup> O termo dualista na maneira como está sendo empregado no texto não pretende desqualificar ou desconsiderar outros vieses possíveis para análise ou enquadramento dos discursos. Neste sentido a utilização do termo se dá como critério pessoal para melhor ilustrar estas oposições transvertidas, porém não contrárias, dos mesmos. Uma contendo perspectivas biológicas e outra com pressupostos pautados nos estatutos das ciências ditas humanas.

<sup>18</sup> Como aponta Valter Bracht (1998), [...] a política para o setor da EF/Esportes do Governo Federal, no final da década de 60 e na de 70, esteve orientada para a melhoria do desempenho esportivo do país [...].

exemplo, uma necessidade de consolidação específica tida como científica da área. Quiçá, neste momento, a Educação Física tenha ganhado um espaço cientificista para seu “teorizar”. (BRACHT,1997). Houve então um movimento próprio de necessidade de afirmação de uma ‘economia política da verdade’<sup>19</sup>, própria para a área. Nasce, pois, deste regime imperativo, os primeiros conflitos e construções de embates científicos da área.

## 4.2 O EMBATE DOS DISCURSOS: NASCIMENTO E CONFLITOS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

*Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivía, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez. (MACHADO DE ASSIS, 1882).<sup>20</sup>*

De uma idéia considerada mirífica por alguns e, motivo de descontentamento para outros, seguindo um princípio de sobreposição dos discursos<sup>21</sup>, reafirmaram-se pensamentos e argumentos sólidos, precisos e fiéis às suas posturas primeiras (pensamentos positivistas) e nasceram outras posturas desafiadoras que, inovaram o pensar da Educação Física e provocaram certo incomodo naqueles que acertadamente sentiam-se como que advogados da verdade quando dos rumos que a produção científica da área deveria seguir.

<sup>19</sup> A economia política da verdade, que Michel Foucault também associa ao conceito de regime de verdade, “tem cinco características historicamente importantes: a ‘verdade’ é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica e política quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social”. (FOUCAULT, 1986, p. 13).

<sup>20</sup> A citação supramencionada reflete a intenção desta sub-unidade, cujo eixo central é apontar alguns conflitos presentes no campo da Educação Física que certamente marcaram o rumo das produções acadêmicas da área ligadas a temática da saúde, conteúdo este discutido na próxima unidade. Torna-se importante, portanto, refletir sobre a instituição eleita como fonte de análise para este trabalho. Também é preciso destacar – creio eu – que as devidas metáforas empregadas no texto que se segue não possuem a intenção de atribuir juízo acerca dos apontamentos feitos a seguir. Esta preocupação é por si só justificável, já que, em se tratando dos assuntos de interesse do *Diabo* ou de *Deus*, corro o risco de travar aqui uma grande batalha já conhecida desde tempos e que, como sabemos, nunca apresentou um ‘vencedor’.

<sup>21</sup> Trata-se de discursos que foram produzidos historicamente e que, por nunca deixarem de existir, sobrepõem-se, na medida em que se torna oportuna ou necessária a sua utilização. FOUCAULT (2004).

- Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. ***Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico [...]*** E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única [...] Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo. (MACHADO DE ASSIS, 1882, grifo meu).

Dando lógica a este argumento, um registro que marcou eminentemente a história da produção científica da área da Educação Física, no Brasil, foi o ‘nascimento’, em 1978, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). A este ‘nascimento’, devem-se dois fatos concretos. O primeiro, diz respeito à necessidade imposta a área de “teorizar” a Educação Física<sup>22</sup>. A partir deste fato concreto então e, refletindo as preocupações políticas e econômicas do período em nosso país, passa a ganhar espaço um “teorizar” científicista não só no, mas também do campo da Educação Física. O segundo fato concreto é o da necessidade sentida por profissionais com formação específica nos cursos de graduação em Educação Física no Brasil de afirmar um discurso científico próprio da área, sem vícios de outros olhares – médicos, pedagógicos, higienistas, etc. (BRACHT, 1998).

Até então, antes do nascimento do CBCE, ocorreram iniciativas que buscaram atender a estas preocupações e que, assim, formaram os primeiros centros de pesquisa<sup>23</sup>, nascidos também por uma necessidade social. Em vista dos vícios criados historicamente sobre o teorizar acerca do corpo, estes centros buscaram sua virtude sobre os preceitos das ciências naturais – e aqui me refiro aos preceitos das ciências biológicas - para legitimar suas constatações e resultados. Exemplo maior desta afirmativa foi à criação de um Centro de Estudos de Aptidão Física (CELAFISCS) na cidade de São Caetano do Sul, no estado de São Paulo<sup>24</sup>. Tendo

<sup>22</sup> Embora ainda no começo da caminhada desta incipiente comunidade científica da área que se organizava a passos lentos e que os primeiros trabalhos e publicações guardassem grande influência da visão biologicista e ‘viciada’ por outros olhares, o diálogo e debate com outras correntes foram timidamente conquistando espaço, construindo assim o caráter atual conhecido pelos profissionais pesquisadores da área. Neste sentido, a relação deste ‘nascimento’ com o momento de “crise” da Educação Física, assim apontado por BRACHT (2005), por exemplo, possuiu relação direta.

<sup>23</sup> Estes centros de pesquisa estavam em sua grande maioria – e aqui não posso afirmar que eram uma totalidade – diretamente ligados a laboratórios de áreas da medicina e biologia, realizando estudos em linhas de pesquisa da fisiologia, biomecânica, biofísica, etc. Exemplo disto é o Labofise – Laboratório de Fisiologia do Exercício da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, na qual um dos idealizadores do CBCE, Prof. Dr. Cláudio Gil Soares de Araújo, na época graduando do curso de Medicina, mantinha ligações. Outros laboratórios de pesquisa que podem ilustrar a condição são os: Laboratório de Performance Humana da Universidade Gama Filho, na época coordenado pelo Dr. Edmundo Vieites Novaes, e o LAFISCS, que viria a ser conhecido posteriormente como Celafiscs.

alcançando grande respeito na área da Educação Física até os dias de hoje e continuando a seguir a mesma linha de pesquisa, este centro surgiu no início desta necessidade de auto-afirmação da área, em meados da década de 1970. O contexto e o momento em que se dá seu surgimento é mais bem compreendido nas palavras de Daólio (1998),

[...] houve um esforço de agrupamento de uma ainda incipiente comunidade científica. Liderado pelo médico Victor Keihan Rodrigues Matsudo, um grupo de profissionais interessados principalmente na fisiologia do esforço e na antropometria fundou em 1974 o Celafiscs, Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul [...] O Celafiscs sempre primou pela intensa produção científica de seu grupo, pela formação de pesquisadores [...] Em que pese sua preferência pela pesquisa quantitativa de cunho fisiológico ou antropométrico, nunca excluiu interessados em realizar pesquisas com outros referenciais teóricos [...] (DAÓLIO, 1998, p. 45).

Daólio (1998), esclarece ainda que, a maior parte deste grupo que integrava o Celafiscs atuava na Federação Brasileira de Medicina Desportiva (FBMD), fato esse que conferia aos profissionais e pesquisadores de Educação Física, um status minoritário neste espaço, não tendo estes, inclusive, direito a voto. Sendo assim, estes saíram da FBMD e acabaram por criar o CBCE.

*Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e **desafiá-lo** [...] E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, **arrancou da sombra para o infinito azul**.* (MACHADO DE ASSIS, 1882, grifo meu).

Os discursos da Educação Física, imersos até então neste universo renomado onde os positivistas gozavam de seu sentimento de superioridade sobre os demais, uma vez que o que rege a ‘visão de mundo’ desses profissionais é um único paradigma<sup>25</sup> (biológico), por motivos que se justificam principalmente pelos rumos traçados social e construídos historicamente, sentiram-se abalados, por passar a dividir o cenário acadêmico com pesquisadores que, na ânsia por responder questões já não mais compreendidas em seu conjunto ou respondidas à altura de

---

<sup>25</sup> Thomas Kuhn (1997) levantou a noção de “paradigma” para apontar tudo aquilo que os membros de uma “comunidade científica” partilham. Segundo este autor, por terem sido submetidos a uma iniciação profissional e educações similares, os praticantes de uma especialidade científica constituem, por assim dizer, uma “comunidade científica”. (KUHN, *apud* PALMA, 2001).

sua complexidade, necessitavam de um olhar ‘inovador’ para um aprimoramento do ‘fazer ciência’ na Educação Física. Inicia-se assim, desta necessidade ‘inovadora’ um movimento que se justifica em sua essência pela disputa de poder. Disputa essa com ditames não existencialmente justificados pelo simples ‘fazer ciência’ na Educação Física, mas que se justificam e manifestam, como aponta Foucault (1986), em um movimento de lutar contra o poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso.

Este abalo foi sentido em tom de incomodo e ‘desafio’. Prova disso é o relato de um dos antigos membros do CBCE, precursor de seus ideais e intenções enquanto comunidade científica. Refiro-me a Claudio Gil Soares de Araújo<sup>26</sup> que, em 1998, recebera o convite para, nas palavras transcritas do mesmo para seu artigo, expressar “sua compreensão própria e particular acerca do desenvolvimento da entidade nos últimos 20 anos e, na tessitura de seus fios, o próprio desenvolvimento das ciências do esporte no período”. Tratava-se de um convite para que relatasse sua visão acerca dos rumos tomados pelo CBCE até então, ano esse no qual a instituição comemorava 20 anos.

Assim o fez. Relatou suas impressões e com liberdade expôs suas considerações. Tendo o CBCE ‘nascido’ em 1978, respirou diretamente seus ares até meados do ano de 1983, como relatou, voltando a ter, por algumas vezes, outros contatos diretos com a comunidade científica. O dizer a seguir foi retirado de seu artigo em resposta ao convite que lhe foi feito para discorrer sobre seu olhar a propósito dos rumos do CBCE nestes 20 anos, donde constatou e prenunciou alguns problemas futuros.

Somente voltei a me encontrar com o CBCE quando recebi, no Canadá, em 1993 [...] uma carta convite para participar de uma mesa-redonda no Congresso de Belém, sobre os 15 anos da entidade [...] Ao iniciar a minha apresentação, pedi para que levantassem as mãos aqueles que eram médicos. **Dentre cerca de 500 ou 600 pessoas na platéia, havia somente um único médico!** (ARAÚJO, *in* RBCE especial 20 anos, 1998, p. 53, grifo meu).

Outra constatação que merece ser assinalada é a de que, após ter ido ter com Deus seu comunicado, o Diabo do conto machadiano, foi a terra ter com os homens a pressa de espalhar

---

<sup>26</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Chefe do Serviço de Medicina do Exercício e do Esporte do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor Adjunto do Departamento de Fisiologia da Universidade Federal Fluminense e Diretor-Médico da Clínica de Medicina do Exercício – CLINIMEX, Rio de Janeiro, RJ. (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, número especial – 20 anos CBCE – setembro/1998).

sua doutrina nova e extraordinária. Tempos depois, após ‘descer’ e ‘subir’, após examinar tudo e retificar o que lhe parecera necessário, ponderava-se o seguinte:

*A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes [...], vinham alistar-se na igreja nova [...], o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se.* (MACHADO DE ASSIS, 1882, grifo meu).

Diante destas constatações, o sentimento que se seguiu ao médico Dr. Claudio foi de lamúria. Deste modo, dando seqüência a sua ‘partilha’, o médico suscitou o seguinte:

[...] o CBCE tinha perdido aquilo que, para mim, era o seu ponto forte e diferenciador, o caráter multiprofissional. O CBCE tinha se tornado uma entidade de defesa do professor de Educação Física e de seus problemas de regulamentação, etc, o que acertadamente é importante [...], mas que, ao meu ver, se afastava completamente da proposta inicial do CBCE, como uma instituição ligada, prioritariamente, ao desenvolvimento e à discussão da pesquisa. (ARAÚJO, *in* RBCE especial 20 anos, 1998, p. 53).

Não poderia então o profissional de Educação Física ele próprio realizar pesquisa científica? Ao que parece e, ensaiando uma resposta premeditada a uma primeira leitura do que se segue no texto do Dr. Claudio, a resposta mais acertada seria, não. Mas suas intenções não foram de menosprezar o profissional da área da Educação Física – e quero acreditar nisso – mas sim de chamar a atenção para algo que para ele parece ser irrefutável. Falo da necessidade de se fazer ciência a partir dos preceitos das ciências tidas como naturais. Assim, desta necessidade vivida por ele e que, naquele momento, estava representada apenas por um colega de sua “comunidade científica” (Kuhn, 2005), seu sentimento de descontentamento e suas antigas premissas de problemas futuros pareciam se concretizar.

Outro ponto a destacar é que, independentemente do emprego da palavra ‘multiprofissional’ em seu texto, não parece também que sua menção está se referindo à busca por uma construção de um debate com outras correntes, com outros modos de olhar. O que realmente parece é que o mesmo lamenta a falta da presença dos seus colegas (médicos) na construção desta entidade científica, o que vem a reforçar a idéia de que “a ciência é, por princípio, lugar de disputa, conflito e poder”. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005)

Por demais, o debate acerca desta construção do campo científico da Educação Física é muito amplo. Portanto, o exemplo do Dr. Cláudio e seu sentimento de lamúria, possivelmente, não devem ser únicos. De modo particular, em seu manifesto de descontentamento acerca dos

rumos do CBCE naqueles 20 anos, estão marcados também sentimentos de expectativa, felicidade e satisfações, principalmente quando relata o momento de ideologização de uma instituição que viesse a atender as necessidades de uma comunidade científica preocupada em pesquisar a área do esporte, e quando também da concretização de seus poucos, porém importantes, passos nos primeiros anos da instituição (CBCE).

Retomando a discussão sobre os discursos produzidos nesta fase de ‘nascimento’ e desenvolvimento desta entidade científica que se legitimara; o CBCE, outros pontos tornam-se importantes de serem ressaltados. Imbricado neste campo de embates e disputas<sup>27</sup>, esta entidade com seus membros e sua produção científico-acadêmica travaram – e travam até hoje – uma discussão na esfera do como fazer ciência na Educação Física. Este movimento, visto por alguns como um momento de “crise”, poderia ser encarado como um momento de superação, de transposição deste “paradigma” – assim penso – que a tantos incomodaram ou ainda incomodam. Ao que parece, alguns autores esquecem-se que estão imersos também neste “paradigma” fundante da Educação Física, e que são, conjuntamente, antes de terem assumido posturas de ordem política, epistemológica ou científica dentro do cenário nacional da Educação Física, ‘filhos’ do mesmo. ‘Filhos’ deste discurso. O que se torna relevante neste ponto, como aponta Palma (2001), é justamente o de não mais aceitarmos o total (ou quase) desprezo pelos outros saberes, pelos ‘outros modos de olhar’, seja enquanto atores no campo da Educação Física ou, principalmente, enquanto autores da produção acadêmica, quando tendo em vista que nosso “paradigma” fundante é restrito a um único viés – o biológico.

Assim sendo, pensar os modos de observar e interpretar algum fenômeno da realidade a partir de uma formação acadêmica inicial em alguma área específica de conhecimento – no nosso caso a Educação Física – instiga conclusões premeditadamente singulares. Nada mais justo. Mas eis então um ponto que merece grande atenção. Por não ser o ‘fazer ciência’ algo que se reduza a ditames metodológicos que, por si só, não atendem nem mesmo a uma única conclusão substantiva (KUHN, 2005), ao que parece, a existência de um olhar interpretativo que anteceda os demais é o que pode incomodar alguns autores da Educação Física – assim penso – principalmente aqueles que se excluem deste “paradigma” e o negam, o que por demais, como aponta Palma (2001), seria um movimento de negação irresponsável das especificidades do

---

<sup>27</sup> Lino Castellani, diante deste quadro, afirmou que o debate na Educação Física, numa primeira fase, foi mais político que acadêmico. (LINO CASTELLANI, *apud* DAÓLIO, 1997, p. 187).

outro, já que, nesta lógica do não-desprezo, não se trata de uma necessidade na qual cada um deva perder sua própria competência especializada, mas sim, de um movimento de aproximação destes ‘modos de olhar’ para uma maior compreensão dos fenômenos estudados. Auxiliando a compreensão deste raciocínio e, aproximando-se desta condição, porém em um outro contexto, Raymond Williams, mais que relativizando uma resposta, mostra a importância do entendimento desta relação necessariamente responsável entre diferentes ‘modos de olhar’. Este, quando instado a responder se era marxista ou não, ensaiou uma resposta mais que relativa, provisória: “depende!”. (WILLIAMS, *apud*, TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p.31).

Desta forma, “estes diferentes ‘modos de olhar’ não possibilitam de maneira alguma se chegar a uma verdade absoluta ou a uma verdade relativa, mas sim a muitas verdades diferentes em muitos domínios distintos” (Maturana *apud* Palma, 2001). Também, “a verdade surge mais facilmente do erro do que da confusão” Bacon (*apud* Kuhn, 2005, p. 39). E o que este movimento de negação do outro parece alimentar é exatamente este sentimento de confusão permanente. Desta mesma forma:

*[...] longos anos depois, notou o Diabo que muitos dos fiéis, as escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não a praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes [...] A descoberta assombrou o Diabo [...] o manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que **desorientou completamente** o Diabo.* (Machado de Assis, 1882, grifo meu).

A respeito da busca por afirmações absolutamente verdadeiras seja respectivamente no conto machadiano ou neste campo de disputas apresentado, o que se pode dizer, remetendo-se as palavras de Foucault é que:

A verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1986, p. 12).



A “verdade”<sup>28</sup> assumindo este caráter normativo na sociedade, ou numa comunidade científica, no caso deste trabalho, por ter sido por ela mesma criada, dificilmente é questionada pela própria. As verdades sejam elas relativas ou absolutas, funcionam de acordo com a necessidade desta sociedade, de acordo com aquilo que esta elege como discurso de verdade necessário a sua existência, ao seu fortalecimento. Os discursos também existem. E, se tratando de um discurso imerso na realidade de uma comunidade científica, este não pode ser tratado diferentemente.

Embora a questão da identificação de um estatuto próprio da Educação Física não seja objetivo deste trabalho, como já dito, ampliar a discussão neste sentido tornou-se importante para dar suporte as problematizações que se seguirão. As discussões a respeito de “verdade” e poder apontadas por Foucault (1986) e mesmo os levantamentos acerca dos discursos e a maneira como estes se manifestam e se tornam reflexo por esta busca de poder, se justificam da mesma forma.

Em momento algum houve o intento de emitir algum juízo de valor sobre estas disputas. Ao estabelecer metaforicamente comparações entre o Diabo, ciências naturais, CBCE, “paradigma biológico” e Deus, não necessariamente nesta ordem, o que se buscou foi uma maneira de dialogar com o conto de Machado de Assis para ilustrar que o campo de disputas seja ele qual for, estará este sempre sujeito a embates, discussões e até mesmo lutas, seja num plano real-material, político, ideológico, científico ou espiritual. É nesta lógica que Machado de Assis encerra seu conto quando o Diabo, em vista de suas constatações mais que óbvias, porém inesperadas, vai ter com Deus uma segunda conversa, um desabafo e ouve a seguinte colocação:

- Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? **É a eterna contradição humana.** (MACHADO DE ASSIS, 1882, grifo meu).

Pensando a realidade da Educação Física e seu espaço de atuação e remetendo esta reflexão às palavras finais do conto machadiano, percebemos que a busca por uma verdade absoluta que de conta de justificar sua função social é “burra”<sup>29</sup>. A busca de uma autonomia ou de um saber que seja específico da Educação Física mostra tons de fragilidade desde suas

<sup>28</sup> Entendendo o sentido da palavra “verdade” a partir dos pressupostos teóricos de Foucault (1986), designamos a esta palavra o sentido de algo provisório que se manifesta dentro das relações de poder.

<sup>29</sup> Não se trata de desconsiderar ou desqualificar o debate existente, mas sim, entendendo as relações existentes neste movimento por uma busca absoluta de verdade que dite a especificidade da Educação Física, considerar que esta “verdade” se apresenta de maneira provisória, como aponta Foucault (1986), não sendo assim possível justificar algo que se torne absoluto, incondicional.

primeiras tentativas, e se fragiliza cada vez mais na medida em que nascem esforços para justificá-la. Sendo, pois, a Educação Física uma ciência meretriz<sup>30</sup>, tendo como mãe o “paradigma” biológico e como pai a incessante busca por outros vieses que a justifiquem, que a legitimem, podemos perceber que seu movimento mais próximo de uma possível legitimação se dá a medida em que ela incorpora as necessidades da sociedade, para, a partir deste ponto, produzir os discursos necessários que, por si só, a justifiquem. E é a partir desta constatação que podemos dizer que a Educação Física também é produtora de discursos, ao passo que também é ‘filha’ dos mesmos, como *eu* o sou também.

Outro ponto que leva a profundas reflexões mais que correspondentes é o movimento de pensarmos em bem e mal, assunto este que pode ser representado por um embate entre Deus e o Diabo, como sabiamente metaforizado no conto de Machado. Neste movimento, o segundo passo seria o de, pretensiosamente conflitarmos os dois valores. Representados por dois personagens carregados de simbologia e significados, talvez esforçando-nos por afastar tal confronto dos adventos religiosos para uma interpretação não singular, a leitura que poderia ser feita frente a este movimento de contradições é o de que a eleição por um destes princípios, o do bem ou o do mal, implica na oposição aos princípios do outro, mas não em um movimento contrário, de negação, afinal, o sucesso de um depende da existência do outro. Transpondo este argumento à realidade de uma comunidade científica – a nossa – percebemos que, como aponta TABORDA DE OLIVEIRA (2005):

[...] precisamos mostrar à comunidade que, quando são nossos adversários, os outros são malévolos e agentes orgânicos de um mundo ruim por princípio – ou porque são positivistas, ou porque são marxistas; ou porque negam o esporte, ou porque fazem a sua apologia; [...] Mas se os outros são, pretensamente para nós, a nossa “base”, então eles são alienados, ingênuos, têm a consciência retificada, perduram na falsa consciência. Precisam apenas do “nosso” esclarecimento para localizarem-se nos combates do mundo. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p. 30).

Esta eterna contradição humana na qual Machado de Assis, a partir de sua fala, inclui a todos por sermos todos seres humanos, se reflete não apenas na Educação Física enquanto área de conhecimento, mas também em seus espaços de atuação. Assim o é, portanto, também, no

---

<sup>30</sup> Para utilizar este termo, não poderia deixar de mencionar meu colega de estudos e amigo da vida, Rubens Carlos Meggetto Junior, atualmente licenciando do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, cursando o sexto período, colaborador direto desta reflexão e “gerador” desta analogia meretrícia.

CBCE. E é tendo consciência destes apontamentos feitos aqui que buscaremos analisar as produções acadêmicas apresentadas no GTT1 dos CONBRACE de 2001 e 2003 realizados ambos na cidade de Caxambu, estado de Minas Gerais.

## 5. A PRODUÇÃO ACADÊMICA: ALGUNS APONTAMENTOS

O que motivou o respectivo estudo nesse movimento de analisar a produção acadêmica em sua intervenção no campo da saúde por ser esta considerada como objeto não-particular de um único campo de conhecimento<sup>31</sup> foi a intrigante necessidade de compreender como e por que a Educação Física se utiliza deste discurso da promoção da saúde enquanto meio para buscar uma maior legitimidade e fortalecimento de suas influências na sociedade. Ao partir do pressuposto de que a relevância social de qualquer conhecimento é o que garante a necessidade de sua existência, apontar algumas considerações neste sentido é o que alimentou e trouxe significado a esta pesquisa.

Ao pensar a saúde enquanto um objeto não-particular de um campo de conhecimento, cabe aqui também levantar que outro fator motivador a realização desta pesquisa foi a possibilidade de realizar tal análise das produções acadêmicas a partir de uma destas possíveis perspectivas, utilizando-se de um desses ‘modos de olhar’. Palma (2001), que nomeia uma das sub-unidades de seu artigo publicado na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) no ano de 2001 da seguinte maneira: “tudo é visto por um observador”, argumenta, a partir dos pressupostos teóricos de Thomas Kuhn, já apresentados anteriormente neste trabalho, que a noção de “paradigma” manifestada em uma “comunidade científica”, rege os ‘modos de olhar’ da mesma. Partindo deste princípio e utilizando como exemplo para o desenvolvimento da análise dos trabalhos estes apontamentos do autor, as apreciações dos trabalhos feitas neste estudo também partilham de um modo particular de análise: o regime de produção de “verdade”, pautado sobre os pressupostos teóricos de Michel Foucault (1986).

Antes de apontarmos os dados deste levantamento, por não ter sido anteriormente apresentado a estrutura e as necessidades que justificam a organização dos envios e apresentações dos trabalhos em Grupos de Trabalho Temático (GTTs), cabe aqui esclarecer brevemente o que são os GTTs e como surgiram. Assim, sobre a produção acadêmica, neste trabalho especificamente representada pelos trabalhos apresentados no formato de comunicação oral e

---

<sup>31</sup> A ementa do GTT1 do ano de 2005 traz a seguinte nota a cerca do tema Atividade Física e Saúde: “Estudos de diferentes possibilidades de análises e intervenções em saúde – considerada como objeto não particular de um campo de conhecimento – e que, portanto, assumem a compreensão do fenômeno a ela relacionado por meio de diferentes saberes (da saúde coletiva, fisiologia, sociologia, filosofia, entre outros).” <http://www.cbce.org.br/gtt.htm> Acesso em: 06/11/2005.

pôster do GTT1 (Atividade Física e Saúde) dos CONBRACE de 2001 e 2003, o que se pode dizer é que o surgimento da organização em GTTs se deu em 1997<sup>32</sup>, sob uma coordenação geral vinculada ao departamento científico da instituição (CBCE) que expressara, através dos encontros nacionais (CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) a dinâmica de desenvolvimento vivenciado por tal em seu processo histórico de organização, constituindo-se hoje na expressão mais acabada do que outrora apresentava-se nos Congressos Brasileiros sob a forma de temas livres. Os GTTs ainda apresentam um estatuto próprio que rege tanto sua organização política quanto a delimitação de seus eixos norteadores para o envio de trabalhos. Desta forma, os objetivos comuns aos GTTs são os de aglutinar pesquisadores com interesses, da mesma maneira comuns, em temas específicos; formar pólos de reflexão, produção e difusão de conhecimento acerca de referido tema e ainda sistematizar nestes pólos o processo de produção do conhecimento com vistas à parametrização das ações políticas das instâncias executivas do CBCE.

A partir desta leitura das premissas que regem os GTTs, a leitura do seguinte apontamento retirado do texto de Palma (2001), torna-se mais inteligível:

Por esta razão, o envio de trabalhos para exames em revistas ou congressos científicos está suscetível à rejeição, pelo simples fato de não pertencerem ao paradigma hegemônico. (PALMA, in RBCE, 2001, p. 33).

Embora pertinente tal constatação, não podemos reduzi-la ao grau de simplicidade. Penso eu que ainda há outras considerações a serem feitas a respeito deste apontamento. Mas é necessário, antes a estes, elucidar o leitor acerca da maneira utilizada para o enquadramento dos dados da análise destes trabalhos e dos dados propriamente levantados. Assim, seguindo a exemplo o trabalho de Palma (2001), acrescido de uma adaptação<sup>33</sup>, a análise dos trabalhos foi encaminhada de modo a enquadrar os mesmos em três perspectivas/vieses. São elas(es): Viés biológico, Viés ‘sócio/econômico/filosófico’ e o Viés psicológico.

## 5.1 ANÁLISE DOS TRABALHOS

---

<sup>32</sup> A organização das apresentações dos trabalhos na forma de GTTs, passaram a funcionar como instância organizativa estabelecida a partir do X CONBRACE (Goiânia, 1997). Consultar: <http://www.cbce.org.br/gtt.htm> Acesso em: 06/11/2005.

<sup>33</sup> Por ser a ementa do GTT1 muito ampla, e tendo Palma (2001) analisado outro congresso, que não esse, sobre atividade física e saúde, a adaptação torna-se necessária para “melhor” atender este sugerido enquadramento da análise dos trabalhos.

Na presente sub-unidade, apresentarei os dados da análise e discutirei os itens que são de interesse deste estudo:

Contabilizando o total de trabalhos analisados, inicialmente independentemente de sua natureza (comunicação oral ou pôster) ou levando em consideração o ano de sua apresentação seguido de publicação nos anais do congresso, totalizamos 73 trabalhos. Sendo, pois, o envio e a apresentação dos trabalhos no GTT1 divididos em apresentação em formato de pôster ou comunicação oral, encontramos respectivamente, considerando ainda os dois congressos, 40 (54,8%) e 33 (45,2%)<sup>34</sup> trabalhos apresentados.

Para uma análise inicial tratemos, pois, do CONBRACE de 2001. Neste ano, o total de trabalhos apresentados foi de 58. Destes, 23 foram apresentados no formato de comunicação oral (39,6%) e os outros 35 trabalhos (60,4%), apresentados em formato de pôster. Segue abaixo, na tabela, o enquadramento dos trabalhos em suas respectivas perspectivas de estudo:

TABELA 1 – QUANTIDADE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO GTT1 DO CONBRACE 2001

<b>Tipo de comunicação</b>	<b>Viés biológico</b>	<b>Viés sócio/econômico/filosófico</b>	<b>Viés psicológico</b>
ORAL	56,52% (n=13)	13,04% (n=3)	30,43 (n=7)
PÔSTER	74,28% (n=26)	14,28% (n=5)	11,42% (n=4)

Fonte: Anais do XII CONBRACE

Analisando os trabalhos de comunicação oral, percebe-se que o viés biológico é predominante enquanto conteúdo discutido e pesquisado, totalizando 13 estudos pautados sobre este Viés (56,52%). Os trabalhos com perspectiva ‘sócio/econômico/filosófico’ são 3, representando (13,04%) dos trabalhos. E, por fim, os trabalhos com Viés psicológico, 7 trabalhos, representam (30,43%). Antes de tecer algum comentário sobre este levantamento, por ter encontrado na análise dos trabalhos apresentados em formato de pôster resultados que se assemelham, apontemos, pois, os dados de percentual da análise desta categoria. Novamente o

<sup>34</sup> Percentual considerado sobre o valor absoluto dos trabalhos enviados aos dois congressos analisados neste estudo.

Viés biológico foi dominante com 26 trabalhos (74,28%). Trabalhos com perspectiva ‘sócio/econômico/filosófica’ totalizaram 5 (14,28%) e os trabalhos com Viés psicológico 4 (11,42%).

A ementa do GTT1 do ano de 2001 trazia a seguinte mensagem acerca das possibilidades para enquadramento de trabalhos neste GTT.

Estudos - configurados a partir do respeito à diversidade de abordagens teórico-metodológicas - vinculados aos interesses, influências e possibilidades de interação da Educação Física, como área de conhecimento, e a Saúde como expressão temática da realidade brasileira. (CBCE, 2005)<sup>35</sup>

A ementa deste GTT trás consigo uma característica particular quando comparada às instruções para o envio de trabalhos dos demais GTTs. Reforçando a idéia de que a Saúde é por si só uma área que abarca uma gama de possibilidades de estudo através de diferentes vieses, encontramos nesta análise inúmeros trabalhos que justificam tal proposição. Porém, é inegável que há uma proeminente maioria de trabalhos pautados sobre os preceitos do Viés ‘hegemônico’, o biológico. Isso não quer dizer que um trabalho não pode apresentar em sua justificativa ou em conceituações para a elaboração da introdução do trabalho, no intuito de situar o leitor acerca da abordagem ou ‘modo de olhar’ utilizado para analisar o objeto de estudo – neste caso especificamente a saúde – dizeres ou mesmo citações que demonstrem preocupação ou sensibilidade para com o movimento de considerar ou mesmo de respeitar, como sugere a ementa do GTT, as diferentes influências e interesses do pesquisador que se depara com a dificuldade de abranger todos os vieses possíveis para o desenvolvimento do tema. Mas, talvez parta deste ponto a primeira grande dificuldade em se conceituar saúde. Ouso ainda dizer que, desta necessidade ‘imposta’ a este movimento de conceituarmos ‘tudo’, estejamos assim, desde este princípio ‘presos’ aos princípios deste “paradigma” hegemônico, buscando nas relações singulares de causa e efeito as pressuposições para justificarmos a saúde. Assim, conceituar saúde torna-se uma necessidade quando, a compreensão de suas relações e implicações deveria, essa sim, ser a primeira preocupação do pesquisador que se propõem a produzir trabalhos acerca desta temática.

---

<sup>35</sup> Acesso em: 06/11/2005

Os demais trabalhos, quando buscam ‘fugir’ deste “paradigma” hegemônico para trabalhar a saúde em outras instâncias, ainda assim demonstram forte relação com este “paradigma.”<sup>36</sup> Mesmo que esta relação seja a da negação, do distanciamento aos ideais do outro. Confirmando ou contestando, uns contribuem para os outros existirem enquanto possíveis possibilidades de análise, dando sentido à atuação e à forma de pensar de cada um. (Daólio, 1997). Ainda que alguns trabalhos busquem este movimento de negação dos conformes hegemônicos da área, nem todos o podem. Exemplo disso são os trabalhos com perspectiva psicológica, quando estes tratam da depressão, condição patológica ligada diretamente a estudos de ordem médica, mais especificamente do ramo da psiquiatria.

Vejamos agora a análise dos trabalhos do CONBRACE de 2003. Começamos por destacar um ponto que chama a atenção. O número de trabalhos aprovados neste ano caiu significativamente em relação ao congresso anterior, tendo um total de 15 trabalhos apresentados. Estabelecendo uma comparação direta com o congresso de 2001 acerca do número de trabalhos apresentados, temos uma porcentagem de (20,55%). Destes, 10 (66,6%) foram apresentados em formato de comunicação oral e os outros 5 (33,3%) em formato de pôster. Segue na tabela abaixo o enquadramento dos trabalhos em suas respectivas perspectivas de estudo:

TABELA 1.1 – QUANTIDADE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO GTT1 DO CONBRACE 2003

<b>Tipo de comunicação</b>	<b>Viés biológico</b>	<b>Viés sócio/econômico/filosófico</b>	<b>Viés psicológico</b>
ORAL	70% (n=7)	30% (n=3)	0% (n=0)
PÔSTER	60% (n=3)	20% (n=1)	20% (n=1)

Fonte: Anais do XIII CONBRACE

A primeira vista, o número significativamente menor de trabalhos apresentados neste congresso pode ser um indicativo de maior rigorosidade para com a apreciação dos trabalhos, por exemplo. Mas, como podemos apenas especular este fato, vamos nos atentar aos dados. Independente do significativo menor número de envio de trabalhos, o que se observa é uma

<sup>36</sup> Isso se torna mais evidente nos trabalhos com Viés ‘sócio/econômico/filosófico’, mas não ficando restrito apenas a este Viés.



constância percentual que se aproxima muito da análise dos trabalhos apresentados no congresso anterior. Sendo assim, o Viés biológico apresentou maior representatividade em ambas as possibilidades de apresentação sendo o total de trabalhos apresentados no formato oral, 7 (70%), seguido de 3 (30%) no formato pôster de trabalhos enviados que enquadram-se nas características do Viés ‘sócio/econômico/filosófico’ e, curiosamente, nenhuma (0%) apresentação de trabalho com perspectiva psicológica<sup>37</sup>. Nas apresentações feitas em formato de pôster, o que se percebe novamente é a afirmação da onipresença dos trabalhos com Viés biológico e a tímida participação de trabalhos pautados nos demais Vieses. Tanto da perspectiva ‘sócio/econômico/filosófica’, como do Viés psicológico, foram enquadrados apenas 1 (20%) trabalho.

## 5.2 UM PESQUISADOR, SUA REPUTAÇÃO E ALGUNS... FATOS?

A partir do levantamento dos dados desta análise, torna-se prudente a especulação de outras considerações, por demais superficiais no que diz respeito ao olhar do pesquisador que as faz – eu – porém, menos simples – assim penso – do que afirmar que a rejeição de trabalhos enviados a algum congresso dá-se apenas por não caber nas perspectivas de algum “paradigma”.<sup>38</sup>

Assim o digo, pois, para a maioria dos trabalhos apresentados, por serem estes pautados sobre o Viés biológico, torna-se realmente simples considerar que a ‘falta’ de outros referenciais epistemológicos sustentando as discussões de saúde acontecem em vista ao “paradigma” hegemônico dominante em uma instituição ou comunidade científica. Essa é uma reflexão fragmentada, que dá conta de fazer apenas o ‘caminho de ida’, algo como uma reflexão de mão única, já que, pensando a existência de um “paradigma” fundante para a Educação Física e reconhecendo que a formação daqueles que pretendem estudar qualquer assunto ou objeto que esta área de conhecimento de conta de atender, torna-se inevitável pressupor que aqueles que enviam os trabalhos para apreciação, também estão estes imersos neste “paradigma”, como já

<sup>37</sup> Reconhecendo nosso “paradigma” fundante, estranho seria caso não houvesse nenhuma apresentação de trabalho com Viés biológico.

<sup>38</sup> Palma (2001) ao analisar a quantidade de trabalhos apresentados em um importante congresso realizado no Brasil em 1998, sob a temática da atividade física e saúde, afirma que a rejeição de trabalhos enviados para exames em revistas ou congressos científicos está assim suscetível, simplesmente por não pertencerem estes ao paradigma hegemônico.

refletido anteriormente, ou que, ao menos, a maioria está em processo de formação contínua com os membros desta mesma ‘comunidade científica’, o que justificaria o grande número de trabalhos pautados sobre o condicionante biológico e permitira supor que há uma minoria de trabalhos que seja enviado para apreciação que contenha princípios de análise particular a outros Vieses que não o hegemônico.

Além disso, se limitar a partilhar do mesmo “paradigma” é muito mais fácil que ampliar este sistema. Acerca disso Foucault (1986) coloca que os próprios intelectuais, que a própria ‘comunidade científica’, como a chamaria Kuhn, compõe este sistema que se expressa em forma de poder, assumindo o papel de agentes da “consciência” e do discurso científico também. Buscando estabelecer alguma relação entre os pensamentos de Kuhn e Foucault<sup>39</sup>, associando o exercício do conhecimento de uma mesma ‘comunidade científica’ ao poder dos próprios intelectuais que compõem esta comunidade, consideramos que a “consciência” seria o discurso desta ‘comunidade científica’ que se manifesta no exercício do poder e que possui por “paradigma” genitor as ciências naturais e que se expressa essencialmente na utilização das ciências biológicas.

Tendo em vista que os esforços feitos para analisar as produções na área da Educação Física são conhecidos e até mesmo repetitivos, seguir esta análise torna-se algo delicado. Mas, independente a isso, torna-se importante reforçar este feito e, mais ainda, avigorar a relevância destes estudos, já que, como aponta Bracht (2003), é no próprio autoconhecimento que é possível identificar as limitações científicas da área. Porém, seguem os apontamentos, chamando a atenção para um outro fator que não visa julgar as limitações da área, mas que possui significativa importância, pois a existência desta atribui menor qualidade a produção acadêmica.

Assim, são muitos os trabalhos de pesquisadores que se detiveram a analisar a quantidade ou a qualidade das produções acadêmicas publicadas na área da Educação Física. Silva (2005), por exemplo, fez um levantamento do número de dissertações defendidas até dezembro de 1990 no Brasil e deu seqüência a este estudo classificando o número de cursos de mestrado e doutorado ofertados pelos cursos de Educação Física no país. Outro estudo que chama a atenção

---

<sup>39</sup> Esta aproximação entre Kuhn e Foucault limita-se a comparação entre suas terminologias para designar ou nomear os pesquisadores de uma área científica. De um lado, Kuhn e sua noção de ‘comunidade científica’, de outro, Foucault e o exercício do poder provindo dos intelectuais, agentes da ‘consciência’. Esta colocação torna-se importante, por pertencer Kuhn a um extremamente enraizado pressuposto neopositivista, como aponta Araújo (2003) e Foucault, por ter sido um exímio seguidor dos princípios da arqueogenealogia do sujeito, inspiração nietzscheana que relaciona as condições epistêmicas com as demais práticas sociais, institucionais, técnicas, científicas, etc, para mostrar que não há saber que não produza poder.

é o de Brandão (2000) publicado na RBCE (Revista Brasileira de Ciências do Esporte) e que trata da qualidade dos trabalhos publicados nas revistas do CBCE. Este estudo teve como justificativa avaliar o desenvolvimento da Educação Física enquanto área de produção de conhecimento a partir da qualidade dos trabalhos publicados na revista, tendo sido esta eleita para análise por possuir periodicidade e por ser independente (sem fins lucrativos). Chamar a atenção a estes acontecimentos é uma responsabilidade muito grande. Neste sentido, num movimento que se pretende responsável da mesma forma e que justifica a preocupação com a qualidade da produção acadêmica, ao analisar alguns trabalhos quanto a suas vias de identificação epistemológica, chama à atenção a quantidade de trabalhos mal escritos, sejam estes por conter erros ortográficos, de ordem gramatical, ou mesmo quanto à qualidade das discussões e relevância dos estudos.

Como dito anteriormente, embora certos trabalhos apresentem alguns breves comentários ou reflexões sobre valores ligados ao Viés ‘sócio/econômico/filosófico’, é possível notar facilmente que o predomínio do Viés biológico é marcante, assumindo a condição de ciência naturalmente positivista. A relação entre atividade física e saúde enquanto promotoras de saúde ou mantenedoras do estado de bem estar, da manutenção e promoção da qualidade de vida, restringem-se a uma relação de causa e efeito, algo que se evidencia no conteúdo dos trabalhos analisados, na construção de frases contidas nos trabalhos ou mesmo manifestando-se desde seu princípio, naquele que é o chamariz inicial de qualquer trabalho, seu título. Um dos trabalhos analisados, por exemplo, se intitula “GINÁSTICA LABORAL COMO PROMOTORA DE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA”.<sup>40</sup> Vale lembrar que em nenhum momento foi proposto por este estudo analisar lingüisticamente as produções acadêmicas, mas cabe levantar aqui as impressões desta análise e, ao fazer a leitura de alguns trabalhos, a impressão que se tem é a de que a relação existente entre o praticar alguma atividade física e as conseqüências desta ação são somente de ordem positiva, algo que se provoca, causa, origina, sem contestações.

Na busca por outros argumentos que justifiquem estas constatações, é possível supor também que a produção destes trabalhos pautados sobre o Viés hegemônico corrobora com a necessidade de se afirmar uma reputação, para se continuar fazendo parte de uma ‘comunidade científica’, há tempos consolidada e fortalecida. Kuhn (2005) acerca disto coloca que:

---

<sup>40</sup> Trabalho apresentado no XII Conbrace. Autoras: Acadêmica Andréia dos Santos Gonçalves e Acad. Thelma Dutra de Silveira, sobre orientação do Prof. Doutor Aírton José Rombaldi.

Hoje em dia os livros científicos são geralmente ou manuais ou reflexões retrospectivas sobre um outro aspecto da vida científica. O cientista que escreve um livro tem mais probabilidades de ver sua reputação comprometida do que aumentada. (KUHN, 2005, p. 41).

Pertencendo a uma mesma comunidade científica o que se pode esperar é que esta tenha maior propriedade que outra comunidade para atribuir juízo a alguma produção acadêmica feita por algum de seus membros. Mas se a probabilidade de comprometimento da reputação do pesquisador é aumentada, como aponta Kuhn (2005), quando este escreve algum trabalho e o coloca na condição de julgamento por parte dos membros de sua comunidade, o que se poderia dizer quando algum membro desta ‘comunidade’ produz algum estudo que não possua as características de método científico utilizados pela mesma? Cabe então imaginar que àqueles que enviam seus trabalhos, estando cientes desta condição, focalizam seus esforços para realizar pesquisas que tragam consigo a marca exclusiva desta comunidade, pois, não participar dela é antes de tudo, abrir mão da condição da produção de “saber e poder”, Foucault (1986), algo quase fundamental para poder afirmar a própria existência e justificar os embargos burocráticos da produção científica no Brasil. Também há de se destacar, neste sentido, a necessidade de “desova” da produção acadêmica para fins de manutenção dos programas nacionais de pós-graduação do país e, pensando nas necessidades que justificam a realização das pesquisas, as que demonstram resultado imediato, comprovado, são as que mais facilmente recebem incentivos para sua execução<sup>41</sup>.

E, para finalizar estes apontamentos, um fato que merece destaque e que é apontado por Araújo (2003), que faz a seguinte colocação acerca das ciências naturais, deixando claro a limitação desta proposta de análise enquanto método científico para se analisar algo que não seja um fenômeno passível de explicação, que necessariamente siga uma linguagem lógico-matemática, como a atribuição da relação de causa e efeito existente entre a prática da atividade física e promoção da saúde, constantemente presente nos trabalhos analisados é a de que “uma ciência calcada apenas em fatos, o mais longe que poderá ir é a estes fatos”. Ou seja, são esforços que, quando imersos neste método científico culminam para um único lugar, um lugar por demais ‘sagrado’, berço de produções de “verdade” e poder (FOUCAULT, 1986), lugar de disputa (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005), um fim em si mesmo.

---

<sup>41</sup> Araújo (2003) chama a atenção para uma possível caracterização da ciência, basicamente a mais valorizada de um modo geral, sendo um dos aspectos mais corriqueiramente evidenciados, enaltecidos e solicitados. Falo dos resultados práticos, os quais as ciências naturais estão acostumadas a comprovar.

## 6. TECENDO MINHAS “VERDADES”

As pretensões deste estudo foram além da proposta pensada inicialmente. Analisar os sentidos de saúde, por demais, já é um movimento amplo. Mas durante o trabalho surgiram necessidades de maiores entendimentos e esclarecimentos, o que serviu para criar novas especulações para estudos posteriores. Ademais, retomarei aqui alguns pontos relevantes e outras considerações que julgo importantes.

Nos primeiros traços deste estudo, busquei apresentar, *grosso modo*, alguns eventos que, numa visão foucaltiana, acertadamente influenciaram os modelos de saúde atuais. Refiro-me a maneira como as preocupações com a saúde deixaram de ser individuais e passaram a ser tratadas de maneira coletiva. A isso, justifica-se, como aponta Foucault (1986), a preocupação dos Estados com o estado de saúde de sua população, num movimento comum a todas as nações do mundo europeu desde o final do século XVI e começo do século XVII quando, a política, a economia e a ciência voltaram-se para problemas de ordem da saúde. Estas preocupações, já apresentadas neste texto, deram-se principalmente por uma necessidade de se repensar a estrutura das cidades e o planejamento urbano e pelas necessidades impostas aos corpos para adequarem-se à nova ordem político-econômica que já dava seus primeiros sinais de vida (o capitalismo), donde, o controle não só dos princípios ideológicos ou da consciência da população eram importantes, mas, antes a tudo isso, era fundamental controlar seus corpos.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no **biológico**, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. (FOUCAULT, 1986, grifo meu)

Talvez tenha sido a partir deste momento que as primeiras preocupações com a saúde deixaram de ser da ótica do tratamento do corpo já doente. Nasce assim, uma necessidade de preparar o corpo para este governo, para poder usufruir deste controle sobre os mesmo. A saúde está, desta forma, ligada diretamente a esta estratégia de controle. A valorização da saúde ganha *status* próprio e a sua busca constante passa a ser um estado de vida necessário, não mais apenas uma condição de existência.<sup>42</sup> A saúde é vista então como uma “necessidade necessária”.

---

<sup>42</sup> A noção de que a saúde ultrapassa o que seria apenas um estado de vida passando a ser uma necessidade está baseada na maneira como a vida é sistematizada atualmente. Fala-se constantemente em estilo de vida ativo e na

Redundância? Talvez. Mas não se pensarmos que existem outras possibilidades de se “tocar” a vida se mantendo vivo. Sugiro, portanto, que a saúde deixa de ser, a partir de certo momento, apenas uma condição a existência e passa a ter um espaço no qual assume vida própria, algo como um estado de bem-estar-ativo que compete em paralelo com um estado de vida dos prazeres, da gula, do sedentarismo, dos exageros, dos limites físicos, genéticos, enfim, com as controvérsias a este corpo “saudavelmente necessário”. Por isso, é de bom tom, na atualidade, defender a saúde, partilhar de seus adereços, para assim fazer parte da sociedade cidadã, emancipada, civilizada [...]. (Oliveira, 2003).

E é justamente a um destes estados de vida que a Educação Física, em sua maioria, vem atender. O levantamento das análises mostrou que esta preocupação com o biológico é maior dentro desta ‘comunidade científica’. Os discursos a que estão atrelados a maioria dos trabalhos acadêmicos apresentados no GTT de atividade física e saúde mostram que as preocupações com o corpo biológico são significativamente superiores. Embora existam outras preocupações para com a saúde, por ter se mostrado essa, ao longo da história, possuidora de larga dificuldade de conceituação, o discurso da saúde ainda está carregado de valores biológicos.

Levantar esta análise é importante já que, é esta ‘comunidade científica’ que legitima este saber, embora, como aponta Foucault (1986), “os intelectuais descobriram recentemente que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles [...]”, mas dando lógica a esta ótica de produção de saberes e “verdades” e reconhecendo que existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esses discursos e saberes das massas, é preciso reconhecer que estas disputas também acontecem dentro da própria comunidade científica.

E é nesse sentido que o conto de Machado se enquadrou nos rumos traçados ao longo deste estudo. Por demais, não se trata de abolir um discurso em detrimento da perpetuação do discurso do outro. Um estilo de vida saudável, do não saudável. Afinal, a existência de um é necessária ao outro, para que assim, os discursos utilizados por um, ganhem significado e se fortaleçam nas disputas para com o outro.

Em a Igreja do Diabo, nem Deus, nem o Diabo. É fato que o Diabo era um velho retórico e sutil, e cria um templo de exaltação do pecado (pecado passa a

ser o não pecado), com êxito absoluto. Mas, ao invés de consagração da verdade, de justiça e do amor, quando os “fiéis”, veladamente, seguem Deus, o que se nota é que o próprio Deus não atribui à fé, à Igreja, a ele Deus, o fato. E sim, tão-somente à “eterna contradição humana”. (PROENÇA, M. CAVALCANTI).

E é a essa contradição humana que a Educação Física permanece atrelada. Sua condição de legitimidade dá-se na medida em que esta recebe devido significado e valor social. Assim, é mais fácil manter-se nesta ‘comunidade científica’ limitando-se a partilhar de suas “premissas”, de seu “paradigma”, que sobrepuja-lo. E, analisando a produção acadêmica desta ‘comunidade científica’ deparei-me com uma maioria significativa de trabalhos apresentados que se utilizaram deste discurso científico-biológico comum a ‘comunidade’ para, em parte, qualificar seus trabalhos. Assim, atualmente, os discursos a que se atém, ao menos a produção acadêmica da área analisada, concernem, em sua grande maioria, a dizer, simples e diretamente, que é a saúde uma “verdade” necessária, desconsiderando as impossibilidades e inviabilidades pessoais ou mesmo comunitárias de uma região, cidade ou país de adequar-se a esta condição de “verdade”.

Enfim, fica registrado a preocupação com a forma com a qual a Educação Física vem estabelecendo relações com a saúde, mas, mais que isso, a consciência de que o regime de produção de “verdades” e poder de Foucault é algo existente e que pode ser vivenciado, como refletido neste estudo, no campo acadêmico.

## 7. REFERÊNCIAS

ANAIS, XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. 2001: cd-rom.

ANAIS, XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. 2003: cd-rom.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando – Introdução a filosofias**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares. **Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**: um comentário sobre suas etapas iniciais; *in*: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Ijuí, número especial 20 anos CBCE, setembro 1998.

ARAÚJO, Lacerda Inês. **Foucault e a crítica do sujeito**. Ed. UFPR. Curitiba, 2001.

ARAÚJO, Lacerda Inês. **Introdução a Filosofia da Ciência**. 3ª ed. Ed. UFPR. Curitiba, 2003.

ASSIS, Machado de. **A Igreja do Diabo**; *in*: PROENÇA, M. Cavalcanti (org.). **Contos Consagrados**. Ed. Tecnoprint. Sd.

BARATA, R. C. B. A historicidade do conceito de causa. In: CARVALHEIRO, J. R. (org.). **Textos de apoio**. Epidemiologia 1. Rio de Janeiro: PEC-ENSP/ABRASCO, 1985. p.13-27.

BRACHT, Valter. **Educação física e ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. ed. Unijuí. Rio Grande do Sul, 2003.

\_\_\_\_\_. **Um pouco de história para fazer história**: 20 anos de CBCE; *in*: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Ijuí, número especial 20 anos CBCE, setembro 1998.

CAPONI, Sandra. A saúde como objeto de reflexão filosófica. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A. e ESTEVÃO, A. (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p.115-136.

CARVALHO, Yara Maria. **O “mito” da atividade física e saúde**. 2ª ed. Editora Hucitec: São Paulo, 1998.



DAÓLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Ed. Papirus. Campinas, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 80**; in: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Ijuí, v. 18, n. 3, p. 182-191, maio 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12<sup>o</sup> ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. 10<sup>a</sup> ed. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

FRAGA, Alex Branco. **A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda**; in: LOURO, Guaciara Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis. ed. Vozes, 2003 KUH, N,

\_\_\_\_\_. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Tese de Doutorado. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2005.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. ed. Perspectiva. São Paulo, 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Agenciamento do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física**; in: *Revista Motrivivência*, 2003, p. 53-68.

OLIVEIRA, Salete. Qualidade de vida, corpos aprisionados. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A. e ESTEVÃO, A. (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p.99-114.

PALMA, Alexandre et. al. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A. e ESTEVÃO, A. (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p.15-32.

PALMA, Alexandre. Educação Física, Corpo e Saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p.23-39, janeiro 2001.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, digitalizada, 2003: cd-rom.

SILVA, Rossana Valéria de Souza. **O CBCE e a produção do conhecimento em Educação Física em perspectiva**; *in*: NETO, Amarílio Ferreira (org.). **Leituras da natureza científica do colégio brasileiro de ciências do esporte**. Campinas. Ed. Autores Associados, 2005.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX/ Carmen Lúcia Soares. – 2ª. ed.rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus. **Sobre a experiência e a história**: a busca pela consolidação acadêmica da educação física brasileira; *in*: NETO, Amarílio Ferreira (org.). **Leituras da natureza científica do colégio brasileiro de ciências do esporte**. Campinas. Ed. Autores Associados, 2005.